

# IDEOLOGIA PEDAGÓGICA DO SISTEMA INTERESTATAL CAPITALISTA SEGUNDO MIKHAIL BAKUNIN

Rafael Abrunhosa<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo iremos analisar como o filósofo russo Mikhail Bakunin, fundador da corrente socialista anarquista, incorpora os objetivos ideológicos do império como parte da estrutura de dominação do sistema interestatal capitalista no século XIX. Estes objetivos ideológicos são expressos principalmente por meio da substituição da religião pela ciência e do ponto de vista institucional das igrejas pelas Universidades como portadores institucionais da verdade na Modernidade que nega todos os conhecimentos anteriores seja oriundo da tradição ou não validando apenas o conhecimento científico. É a este complexo ideológico que denominamos de Ideologia Pedagógica do Sistema Interestatal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia, Bakunin, Modernidade, Anarquismo.

## ABSTRACT

In this article, we will analyze how the Russian philosopher Mikhail Bakunin, founder of the current anarchist socialist, incorporating the ideological objectives of the empire as part of the structure of domination of the interstate capitalist system in the nineteenth century. These ideal goals are expressed mainly through the substitution of religion by science and the institutional view of the churches by the Universities as institutional bearers of truth in Modernity that denies all prior knowledge whether from tradition or not validating only scientific knowledge. It is an ideological complex called the Pedagogical Ideology of the Interstate System.

**KEYWORDS:** Ideology, Bakunin, Modernity, Anarchism.

## 1 Introdução

Bakunin incorpora os objetivos ideológicos do império como parte da estrutura de dominação do sistema interestatal capitalista, os objetivos ideológicos são expressos principalmente por meio da substituição da religião pela ciência e do ponto de vista

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia Ciência (FFC), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus Marília. É mestre em Educação pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Linha Filosofia e Sociologia da Educação (2015). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (2013). Atualmente empreende pesquisas sobre Movimentos Sociais e Educação ; Trabalho Associado e Educação do Campo na América Latina. É membro do Grupo de Pesquisa Organizações e Democracia.

institucional das Universidades em relação as igrejas como portadores institucionais da verdade na Modernidade.

A própria exportação de um modelo político organizativo, o Estado, para alguns povos eslavos, representa uma tentativa de impor uma visão ideológica atrelada a um sistema econômico-político.

Para Bakunin a dominação exercida pelo império aos povos conquistados se operava em várias esferas, a imposição de um tipo de organização política ultracentralizada exercida pela administração técnico-científico era uma maneira de exportar um tipo de visão de mundo, uma tentativa de inserir todos os povos na ideia de civilização/progresso, negando assim seus costumes anteriores em defesa de um tipo novo de ideologia submissa ao sistema interestatal capitalista.

No processo de subjugação econômico e político do mundo por essa potência ocorre também uma dominação Ideológica posto que o sistema age de modo integral (político-econômico-epistemológico) e a exportação de uma forma de conhecimento passa a ser um elemento fundamental no processo político do domínio imperial, o conhecimento adquire um *status* de poder/dominação na teoria de Bakunin.

## **2 Ideologia Civilizatória Imperialista**

Dada a dimensão de totalidade do sistema interestatal capitalista na compreensão de Bakunin, podemos perceber neste capítulo como as instituições políticas (Estado) e ideológicas como a Igreja e as Universidades/escolas cumprem um papel fundamental na expansão e manutenção desse sistema entendido com um complexo econômico-político-ideológico.

O Império como força política, dessa forma, na compreensão integral de Bakunin, não atua apenas por meio de uma troca desigual de capital-força de trabalho entre centro e periferia, mas também atua na importação/exportação de formas sociais organizativas (como a estrutura política do Estado moderno europeu) e também numa visão epistemológica, uma forma de pensar e agir no mundo, uma estrutura de conhecimento, uma cosmovisão ligada à ideia de progresso/industrialismo/civilização desenvolvida nos grandes centros europeus e imposta às regiões colonizadas da periferia.

Bakunin, de início, expõe esses elementos de modo etnográfico, como bom conhecedor das sociedades eslavas, abrindo um debate antropológico sobre como esse povo

não tinha em sua tradição organizativa tendência à centralização política, tal como os germânicos. Essa citação nos é fundamental, porque depois o pensador russo demonstra como o Império germânico/prussiano forçou a exportação do seu modelo organizativo (Estado) e demais instituições, bem como sua estrutura de classes e segmentações sociais para o resto do mundo.

Os eslavos eram um povo, por essência, pacífico e agrícola. O espírito militar, que animava os povos germânicos, era-lhes estranhos; e, por isto, eram fechados a tendências estatistas, que se manifestavam desde o início entre os germanos. Vivendo em separado e com toda a independência em suas comunidades, administradas, segundo o costume patriarcal, pelos idosos, designados sobre o princípio eletivo, e todos usufruindo com igualdade das terras da comunidade, não possuíam entre eles nem nobreza, por eles ignorada, nem padres formando uma casta a parte, eram iguais entre eles. (BAKUNIN, 2003, p.63)

A estrutura política dos eslavos e suas tradições organizativas e econômicas, assim como as de outros povos, tendia à extinção devido a tendência expansionista do Imperialismo, que queria não apenas exercer um controle político, militar e econômico sobre as regiões subjogadas, mas também exportar/impor seu modelo político-organizativo como via de sua expansão. Para tanto, foi necessário um suporte ideológico – germanizador – como expressão desta política imperialista.

O Império tem por objetivo, assim, a subordinação política e material dos países periféricos pelo centro. Para esse fim, opera simultaneamente impondo uma cosmovisão e desqualificando as formas de pensamento e de organização política dos países subordinados e, nessa relação de saber como instrumento de coerção/poder, opera se afirmando como única forma de pensar legítima.

Os burgueses nunca tiveram outro [princípio] para provar sua missão de *governar*, ou, o que significa a mesma coisa, de explorar o mundo operário. De nação para nação, assim como de uma classe para outra, este princípio fatal e que não é outro que a autoridade, explica e dá um direito a todas as invasões e todas as conquistas. Os alemães não se serviram sempre dele para executar todos os seus atentados contra a liberdade e contra a independência dos povos eslavos, e para legitimar a germanização violenta e forçada? É, dizem eles, a conquista da civilização sobre a barbárie. Tome cuidado; os alemães começam a perceber também que a civilização germânica, protestante, é bem superior à civilização católica, representada, em geral, por povos de raça latina em geral, e à civilização francesa em particular. Tome cuidado para que eles não imaginem, em breve, que tem a missão de civilizar e emancipar seus compatriotas, seus irmãos, os camponeses da França. Para mim, uma ou outra pretensão são igualmente odiosas, e eu lhe declaro que, tanto nas relações internacionais como nas relações entre uma classe e outra, estarei sempre do lado daqueles que se quer civilizar por este processo. Vou

me revoltar com eles contra todos estes civilizadores arrogantes, que se chamem operários, ou alemães, e, revoltando-me contra eles, servirei a revolução contra a reação (BAKUNIN, p193, 2014).

A missão civilizatória do sistema interestatal capitalista, impulsionado pela potência imperialista - o império prussiano na época de Bakunin - é não apenas ingressar no mercado concorrente mundial, pois isso é apenas parte do processo, visto que a tendência geral desse sistema é destruir/desmantelar a autodeterminação dos povos a partir da imposição da lógica da concentração político-territorial.

Integrado a esse processo de domínio territorial e econômico o Imperialismo para consolidar a sua missão civilizatória necessita da institucionalização da ideologia cientificista de Estado por meio principalmente das escolas e Universidades. Essa institucionalização, agregada ao processo de subjugação política e mercadológica aniquila e/ou marginaliza os saberes tradicionais e, assim, determina uma maneira de pensar o mundo, uma cosmovisão desenvolvimentista baseada no progresso técnico-científico que se dá com a imposição de instituições dos grandes centros, que servem de parâmetro para a conformação da nova sociedade subjugada - as escolas as universidades, o próprio Estado-administrativo, a polícia e o exército – que cumprem um papel fundamental nessa missão civilizatória imperialista.

Observar-se-á até que ponto esta maldita civilização alemã, por essência burguesa e, por isto mesmo, profundamente estatista, conseguiu infiltrar-se na alma dos próprios patriotas eslavos. Nascidos numa sociedade burguesa germanizada, educados nas escolas e nas universidades alemãs, habituados a pensar, a sentir e a ver da mesma maneira que os alemães, querem e acreditam poder libertar os eslavos do jugo germânico. Não podendo conceber razão, de sua educação alemã, outro meio de obter sua libertação senão formando Estados eslavos ou um grande e único Estado eslavo, fixam-se nesse caso também um objetivo por excelência alemão, pois um Estado moderno, centralizado, burocrático, militar e policial, como, por exemplo o novo império alemão ou o império de todas as Rússias, é por essência germânica (Bakunin, 2003, p. 62).

Se subtraíssemos daí uma teoria do Imperialismo em Bakunin, a partir da noção de interdependência de modo de produção capitalista e sistema interestatal capitalista e do império enquanto força agente, poderíamos aferir que esta é conformada por um tripé orgânico: 1) a acumulação permanente de capital que 1.1) tende a incorporar a produção doméstica ao mercado mundial e 1.2) transmutar, ainda que tendencialmente e não absolutamente, o trabalho do processo artesanal ao trabalho assalariado; 2) a tendência dos grandes Estados-nações de se potencializarem em pequenos territórios e exportar sua força bélica e administrativa como mecanismo de manutenção de sua hegemonia a nível

internacional, impedindo por consequência a autodeterminação dos povos e 3) a imposição da cosmovisão lógica-cultural-técnica-civilizatória das grandes potências, em detrimento dos saberes e tradições locais, como mecanismo de manutenção do Estado-império, porta voz da universalização do sistema interestatal capitalista. O Imperialismo seria, então, portanto, o principal instrumento da universalização do estatismo, da acumulação de capital e da ideologia cientificista do progresso.

Considerando a relação de multideterminação e interdependência entre política, economia e conhecimento nas relações desiguais do império no sistema interestatal podemos aferir que a imposição do conhecimento e da cosmovisão do império sobre os demais Estados é condição fundamental, segundo a teoria de Bakunin, da dominação do império.

### **3 Crítica à Ideologia Cientificista do Estado Moderno**

Como vimos no último tópico o sistema interestatal capitalista por ser um sistema integral também exporta e impõe uma forma de conhecimento em todo o mundo através de sua dominação no sistema interestatal capitalista. Veremos agora como esse conhecimento se expressa, ou seja, qual a ideologia do Estado moderno e como essa ideologia baseada na ciência se expressa politicamente principalmente por meio do Direito/Jurisprudência.

O início da Modernidade, como já explicitamos, representou, na visão de Bakunin, apesar das profundas mudanças, mais uma continuidade desse período com o anterior feudal do que necessariamente uma ruptura. Essa continuidade expressa-se em Bakunin de diversas formas como na relação de subjugação do trabalho (escravista-assalariado), na manutenção do monopólio do poder por uma classe (aristocracia-burguesia) e pela manutenção de estatuto de verdade que migrou da igreja e da ideia de Deus para a ciência moderna e a ideia de razão, a racionalidade como construtora política.

Bakunin é um grande entusiasta do desenvolvimento e das descobertas científicas de seu tempo. As formulações dos positivistas Comte e Spencer que aplicam estruturas das ciências naturais em experimentos sociológicos subsidiaram a construção do materialismo de tipo sociológico de Bakunin.

Para Bakunin a metodologia científica tem por início e por fim os fatos concretos. Nasce do concreto, da materialidade, do movimento do real, da observação do existente. Feito isto, os fenômenos do real são refletidos pelo pensamento, para em seguida voltarem à

materialidade, já refletida, para assim serem novamente refletidos de maneira sucessiva. Partindo da materialidade e retornando a esta.

Como já apontamos Bakunin sofreu bastante influência da teoria positivista de August Comte, sendo essa teoria fundamental para que o filósofo russo desenvolve suas teses materialistas. O materialismo de Bakunin, influenciado por Feuerbach e pelos positivistas, propiciou a superação do hegelianismo e de toda teoria especulativa. Não iremos tomar como objeto do presente estudo a metodologia científica de Bakunin, a qual já foi tema de nosso estudo anterior, mas nos cabe demonstrar que, apesar de sua negativa ao papel da ciência, especialmente a positivista, como regente da sociedade, Bakunin considera a importância dessa, como vemos na citação a seguir:

É curioso observar que a ordem das ciências estabelecida por Auguste Comte é aproximadamente a mesma que a da *Enciclopédia* de Hegel, o maior metafísico dos tempos presentes e passados, que teve a felicidade e a glória de ter conduzido o desenvolvimento da filosofia especulativa a seu ponto culminante, o que fez com que, levada dali em diante por sua dialética própria, ela se autodestruísse. Mas há entre Auguste Comte e Hegel uma enorme diferença. Enquanto este último, como verdadeiro metafísico que era, havia espiritualizado a matéria e a natureza, fazendo-as procederem da lógica, isto é, do espírito, Auguste Comte, ao contrário, materializou o espírito, fundamentando-o unicamente sobre a matéria. É nisto que consiste sua imensa glória. (BAKUNIN, 1988, p.46).

Segundo Bakunin Hegel espiritualizou a matéria e a natureza invertendo a realidade para subsidiar a razão, Bakunin atribui a Comte, e, dessa forma, ao início da ciência enquanto sistematização do conhecimento, o mérito de devolver à natureza e a todo conjunto da materialidade o mérito de fundamento primeiro da realidade, pois o real, segundo Bakunin, não existe apenas enquanto matéria pensada, mas antes existe em si mesmo, cabendo ao pensamento por meio da ciência apenas desvelar as estruturas do real.

A ciência moderna emergiu com a ascensão da burguesia ao poder na Europa, estabeleceu-se por esta classe como única forma de verdade e, dessa forma, deslegitimou todas as outras formas de conhecimento dos povos que não tinham uma burguesia formada, seja o conhecimento escrito ou oral, cumprindo um papel fundamental para a imposição da ideologia burguesa nas sociedades ditas primitivas.

Contudo, Bakunin, apesar de reconhecer as contribuições dos positivistas para o método científico que lhe propiciou melhor compreender a realidade, refuta a tese de que o método científico por si mesmo pudesse de modo neutro e imparcial conduzir a sociedade, como acreditaram os positivistas. E é justamente por ter tido influência direta da metodologia

científica dos positivistas e assim ter assimilado bastante sua teoria que Bakunin tece críticas contundentes a essa corrente teórica, em especial a seu fundador, Augusto Comte. Para Bakunin, o positivismo, ao sistematizar um método científico mais claro, fincou os alicerces da sociedade burguesa que precisava se travestir de outras roupagens diferentes da teocracia feudal para assegurar seus privilégios.

A imensa maioria dos homens, afirma Auguste Comte, é incapaz de governar a si mesma. "Quase todos, diz ele, são impróprios ao trabalho intelectual", não porque sejam ignorantes e porque suas preocupações cotidianas os impediram de adquirir o hábito de pensar, mas porque a natureza assim os criou: na maioria dos indivíduos, a região posterior do cérebro, correspondente, segundo o sistema Gall, aos instintos mais universais, mas também mais grosseiros, da vida animal, é muito mais desenvolvida que a região frontal, que contém os órgãos propriamente intelectuais. Daí resulta, primeiro, que a "vil multidão" não é chamada a gozar da liberdade, devendo esta liberdade, necessariamente, acabar sempre numa deplorável anarquia espiritual, e, segundo, que ela sempre sente, o que é uma grande felicidade para a sociedade, a necessidade instintiva de ser comandada. Outra grande felicidade é que sempre há alguns homens que receberam da natureza a missão de comandá-la e submetê-la a uma disciplina salutar, tanto espiritual quanto profana. Antigamente, antes da necessária, porém deplorável revolução que atormenta a sociedade humana há três séculos, este ofício de alto comando pertenceu ao sacerdócio clerical, à Igreja dos padres, pela qual Auguste Comte professa uma admiração cuja franqueza, pelo menos, parece-me muito honorável. Amanhã, depois desta mesma revolução, pertencerá ao sacerdócio científico, à academia dos sábios, que estabelecerão uma nova disciplina, um poder muito forte, para o maior bem da humanidade. (BAKUNIN, p420, 2014)

Como Bakunin explicita, para Comte e os positivistas os cientistas deveriam governar a sociedade, já que a "vil multidão" seria incapaz de se governar, posto que a grande massa sem conhecimento letrado não teria capacidade de se auto-governar. Fica claro que a ciência é um instrumento extremamente importante segundo Bakunin para desenvolver a sociedade, só que esta não guarda uma relação direta com capacidade política-administrativa. Bakunin acredita sobretudo na capacidade organizativa do proletariado na capacidade de conhecimento sobre sua própria sociedade que extrapola a arquitetura do pensamento científico, mas se articula a outra forma de pensar.

Quando Bakunin acusa Comte de proferir admiração pela igreja e de que os positivistas tendem a se tornarem sacerdotes científicos, explicita que a ciência estava a cumprir um caminho de continuidade com a igreja e o dogma religioso, no que concerne ao autoritarismo de se proclamarem como detentores da verdade e assim os únicos aptos a administrarem a sociedade.

A crítica à estrutura da ciência como guia da política e a presunção/arrogância acadêmica que suporia que apenas os intelectuais podem governar a sociedade que Bakunin faz aos positivistas é estendida/ampliada aos marxistas.

Os termos “socialista científico”, “socialismo científico”, que estão sempre presentes nos escritos dos lassallianos e dos marxistas, provam por si só que o pseudo-Estado popular nada mais será do que o governo despótico das massas proletárias por uma nova e muito restrita aristocracia de verdadeiros e pretensos doutos. Não tendo o povo a ciência, ele será de todo libertado de preocupações governamentais e integrado por inteiro no rebanho dos governados. Bela libertação! (BAKUNIN, 2003, p2013)

Bakunin compreende que a defesa dos marxistas pela capacidade, ainda que transitória, de um Estado político centralizador antes do auto-governo dos trabalhadores, reside sobretudo na aceção que as massas são incapazes de se auto-governar e que justamente devem ser os doutos a dirigirem a sociedade nesse período de transição, posto que a ciência na percepção que Bakunin faz dos marxistas é condicionante da regulamentação política.

Não está em questão nesse debate a validade ou não da ciência enquanto método de compreensão da realidade, mas o centro dessa polêmica reside na capacidade política da classe trabalhadora e suas experiências político-econômicas de auto-suficiência *versus* a cientifização da política ou a necessidade da ciência gerir a política, como afirma Nascimento, acerca de Bakunin:

Bakunin reconheceu a importância de Auguste Comte ao propôr uma ciência da sociedade, a sociologia, entretanto, condenou o cientificismo positivista, pois este transforma a ciência num instrumento autoritário. O bakuninismo não considera a ciência como portadora de “dogmas absolutos” e elabora uma crítica não só epistemológica ao positivismo, mas também uma crítica política do positivismo que transforma a ciência em teologia, ou seja, os positivistas entendem que a ciência tem um fim em si mesmo como se fosse uma divindade. (NASCIMENTO, 2014, p.8)

O conhecimento e a metodologia científica, para Bakunin, servem como ferramenta para conhecer melhor a realidade concreta, de difícil assimilação. Contudo, como afirma Nascimento o saber científico não possui, para Bakunin, estatuto ou certificado de poder/ou divindade, posto que o saber, que é uma relação de poder, sempre é determinado pela ideologia concreta dos sujeitos que manipulam o conhecimento. Nisso reside a crítica de Bakunin a ciência como a nova religião da modernidade e ao positivismo e ao marxismo como animadores da relação ciência e capacidade política.



A crítica de Bakunin consiste em afirmar que a justiça e a ciência são determinadas pela ideologia burguesa, pois estas, baseadas no positivismo, defendem apenas o direito abstrato e não o direito real, baseado nas condições materiais de existência.

Mesmo Bakunin defendendo a difusão da ciência e aplicando um método científico de análise da realidade, seu pensamento guardava uma avaliação contraditória sobre o papel da ciência na modernidade capitalista. Não nutria ilusões sobre o papel da ciência na sociedade de classes, papel esse de manter/estabelecer e aprofundar o *status quo*, de naturalizar a divisão social do trabalho no capitalismo.

O domínio sobre o conhecimento científico é para Bakunin importante para se compreender a realidade material. Entretanto, esse domínio sobre a ciência não conferia ao homem instruído uma capacidade ou poder para dirigir/governar a sociedade. Bakunin assim não certificava à ciência o poder de governar o povo.

A teoria de Bakunin teve influência direta de Proudhon no que concerne à análise da sociedade capitalista como uma continuidade da sociedade feudal, de modo que a primeira teria a religião como centro da política da sociedade e a segunda teria a ciência. Além disso a primeira serviria ao clero e à nobreza, ao passo que a segunda serviria à burguesia. Essa influência lhe conferiu uma crítica feroz à suposta imparcialidade do método científico e a caracterização do Estado, supostamente baseado na razão, como isento de ideologia.

Poderá parecer estranho a muitas pessoas que, em um escrito político e socialista, tratemos das questões de metafísica e de teologia. Mas é que, segundo nossa mais íntima convicção, estas questões não se deixam mais separar daquelas do socialismo e da política. O mundo reacionário, levado por uma lógica invencível, torna-se cada vez mais religioso. Ele sustenta o papa em Roma, persegue as ciências naturais na Rússia, põe em todos os países suas iniquidades militares e civis, políticas e sociais sob a proteção do bom Deus, que ele protege poderosamente, nas igrejas e nas escolas, com a ajuda de uma ciência hipocritamente religiosa, servil, indulgente, pesadamente doutrinária e por todos os meios do qual o Estado dispõe. O reino de Deus no céu, traduzindo-se pelo reino declarado ou mascarado do cnote e pela exploração em regra do trabalho das massas escravizadas sobre a terra, tal é, hoje, o ideal religioso, social, político e absolutamente lógico do partido da reação na Europa (BAKUNIN, 1988, p56).

Bakunin ao afirmar que não se pode falar de socialismo sem falar de teologia, ele explicita as relações entre modo de produção, política social e ideologia dominante como um todo articulado, a ciência como instrumento doutrinário da burguesia e que desacredita do auto-governo dos trabalhadores e credita de modo doutrinário a única capaz de legislar as normas da sociedade tornou-se o seu contrário, a ciência manteve assim, para Bakunin, as

bases despóticas que sustentaram a igreja católica durante séculos.

A ciência assume assim a ideologia do Estado moderno, que se credita neutro porque supõe que as bases científicas seriam objetivas e imparciais e assim estariam isentas de caráter de classe, defendendo dessa forma estruturas de ordem universal baseadas na razão e na neutralidade científica, que possam atender aos anseios de todo o povo acima das questões materiais. O argumento de Bakunin é de que as leis, formulações jurídicas, não encontram relação com o real e que seus formuladores, os juriconsultos e autoridades do Estado, são determinados ideologicamente pela sua origem de classe.

Para Bakunin, a base teórica/conceitual das teorias do Estado absolutista (lei do direito divino dos reis) e moderno (contratualismo, jurisnaturalismo) partia de uma mesma lógica teológica, pois do mesmo modo que a teologia concebe o homem apartado das suas condições materiais, a jurisprudência e as demais ciências estatais/oficiais julgam o homem desconsiderando todas as condições materiais que guiam suas ações até seu julgamento. A negação do materialismo nas ciências jurídicas é, desse modo, um fundamento de manutenção da estrutura burguesa.

Essa digressão da influência Feuerbachiana é importante para se compreender que quando Bakunin fala de Antiteologismo não se trata de um anticlericalismo torpe como é casualmente retratado, mas de uma posição filosófica materialista e complexa que congrega uma visão que supõe, como fora dito, que as bases político-filosóficas da teologia, da metafísica e da ciência moderna são semelhantes na ruptura analítica do homem com suas condições sociais concretas.

O pensador russo considera os pressupostos materialistas formulados por Feuerbach a partir de sua ideologia socialista e analisa também as bases da sociedade burguesa em seus aparelhos jurídicos e políticos e percebe que estas reproduziam os fundamentos do teologismo/idealismo, ao negarem o homem e a natureza em suas determinações.

Os aparelhos jurídicos e políticos, ao julgarem os homens desconsiderando as mesmas condições de existência, julgando os atos separados das condições materiais que os levaram a cometer tal ação fariam com que a jurisprudência fosse a própria reedição do teologismo, no que concerne à dominação do homem e a negação das bases materiais:

A dignidade humana e a liberdade individual, tais como concebem os teólogos, os metafísicos e os juristas, dignidade e liberdade fundadas na negação em aparência tão altiva da natureza e de toda dependência natural, nos levam lógica e diretamente ao estabelecimento de um despotismo divino, pai de todos os despotismos humanos; a ficção teológica, metafísica e jurídica da humana dignidade e da humana liberdade possui por

consequência fatal a escravidão e o rebaixamento reais dos homens na Terra. Enquanto que os materialistas, ao tomar como ponto de partida da dependência fatal dos homens frente à natureza e suas leis e, conseqüentemente, sua irresponsabilidade natural, culminam, necessariamente, na derrubada de toda autoridade divina, de toda tutela humana e, conseqüentemente, no estabelecimento de uma real e completa liberdade para cada um e para todos. Esta é também a razão pela qual todos os reacionários, dos soberanos mais despóticos até os republicanos burgueses em aparência mais revolucionários, se mostram hoje partidários tão ardentes do idealismo teológico, metafísico e jurídico, e pela qual os socialistas revolucionários conscientes e sinceros levantaram a bandeira do materialismo (BAKUNIN, 2014, p. 24).

A ficção e o despotismo teológico ao negaram a natureza enquanto determinante do ser e as condições materiais enquanto determinantes da sociedade estabelecem fundamentos que a ciência burguesa apesar de toda estética revolucionária não foi capaz de destruir, o que houve para Bakunin foi uma mudança do controle despótico das mãos da igreja para as mãos da ciência, as duas com o objetivo de manter por meio ideológico a submissão das classes laboriosas.

A base da crítica aos teólogos, aos metafísicos e aos juristas (ciência que regula a política da sociedade burguesa) é a mesma, a negação do homem integral, negação de um conceito de homem determinado por sua natureza material reconhecem e falam de um homem apartado de suas condições, julgam os fatos desconsiderando as condições e os meios os quais esses se efetivaram.

Decorre disto, para Bakunin, uma profunda relação entre a teologia cristã e a estrutura científica-política da sociedade burguesa, a primeira tal e qual Feuerbach asseverava em sua obra máxima *A Essência do Cristianismo* (2007), que o cristianismo negou o homem e conferiu suas melhores qualidades ao um ser ilusório (Deus).

Por essa razão Feuerbach argumenta que Deus é o homem em suas máximas qualidades e que o homem ao construir Deus negou a si mesmo, a segunda assertiva é uma derivação social da primeira, posto que o aparato jurídico expõe um homem, segundo Bakunin, indeterminado, de um homem apartado da natureza, dissociado do seu meio ou seja sem relação com suas condições materiais de existência, tal homem, assim como na teologia, não existe, posto que todo homem é fruto do seu meio.

O aparelho jurídico-político é a base ideológica da sociedade burguesa, reproduzem para Bakunin os fundamentos teológicos, pois estes julgam os homens em separado das determinações materiais, negando as condições de existência em seus julgamentos e mantendo os fundamentos do idealismo.

Constatamos, pois, que Bakunin desenvolveu a crítica feuerbachiana antiteológica, estendendo-a às bases da sociedade capitalista, pois a ciência burguesa, que na modernidade ocupou o posto antes comandado pela igreja, reproduziu as bases teológicas da antiga sociedade feudal ao negar o homem e a natureza em suas determinações concretas, em manter uma concepção teológica-idealista de homem.

A ciência, através da jurisprudência, será a nova religião da burguesia. As universidades serão as novas igrejas da modernidade e as leis, baseadas nos preceitos da objetividade científica, serão os novos pergaminhos sagrados bíblicos. Dessa forma, se no medievo a religião era a base ideológica da sociedade, a ciência será a base ideológica da nova sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABRUNHOSA, RD. **Da Vontade à Liberdade: Ciência, Trabalho e Educação Em Mikhail Bakunin**. Monografia –UFC. Fortaleza, 2013.

\_\_\_\_\_. O Conflito Entre Projetos De Modernidade De Marx/Engels E Os Narodnik`S Russos. In: **Encontro Do Eixo Marxismo, Teoria Crítica E Filosofia Da Educação**, 2013, Fortaleza. Anais Do Ii Colóquio Nacional Marx, Marxismo E A Pós-Modernidade, 2013. V. 1. P. 1.

BAKUNIN, Mikhail. **A Ciência e a Questão Vital da Revolução**. Editora Imaginário. São Paulo-SP, 2009.

\_\_\_\_\_. A reação na Alemanha. In: **Cadernos Peninsulares**, Nova Série, Ensaio 17. Tradução: José Gabriel. Portugal: Editora Assírio & Alvin, 1976. Pags. 105-127, Lisboa, 1975.

\_\_\_\_\_. **A Instrução Integral**. Editora Imaginário. São Paulo-SP, 2003.

\_\_\_\_\_. De Baixo Para Cima E Da Periferia ao Centro: **Textos Políticos, Filosóficos e de Teoria Sociológica de Mikhail Bakunin**. Editora Alternativa. Rio de Janeiro – RJ, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estatismo e Anarquia**. Editora Imaginário. São Paulo -SP, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Catecismo Revolucionário**. Editora Imaginário. São Paulo-SP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Oeuvres Complètes.** International Institute of Social History, Netherlands Institute for Scientific Information Services, Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2000. (CD-ROM).

\_\_\_\_\_. E Leval, George. **Bakunin, Fundador Do Sindicalismo Revolucionário E A Dupla Greve De Genebra.** Editora Imaginário E Faísca. São Paulo-SP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Socialismo, Federalismo e Anti-teologismo.** Editora Cortez. 1988.

\_\_\_\_\_. **O socialismo libertário.** Editora Global, São Paulo-SP 1979.

BERTHIER, René. **Bakunin Fazia Política?** Retirado de [www.arquivobakunin.blogspot.com](http://www.arquivobakunin.blogspot.com) acessado em 22/07/2015.